

1

MC
MINISTÉRIO DA CULTURA



INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO

ISSN 1645-2453

2001

PVP
005\$00
10,00€

PATRIMÓNIO estudos

INTERPRETAÇÃO
DE MONUMENTOS E SÍTIOS

ITINERÁRIOS ARQUEOLÓGICOS
DO ALENTEJO E ALGARVE



PATRIMÓNIO estudos

N.º 1 – 2001
Publicação semestral

NA CAPA
Alcalar, monumento n.º 7

PRODUÇÃO EDITORIAL
IPPAR – Departamento de Estudos

DIRECTOR
Luís Ferreira Calado

COORDENAÇÃO EDITORIAL
IPPAR/DE
Manuel Lacerda
Miguel Soromenho
Ana Luísa Quinta
Maria de Magalhães Ramalho

COLABORAM NESTE NÚMERO
Ana C. Dias (DRE/IPPAR), Carlos Severo, Cláudia Umbelino, Deolinda Folgado (DE/IPPAR), Ditz Reis, Elena Morán, Elvira Rebelo (DRP/IPPAR), Eugénia Cunha, Fernanda Garção (DPG/IPPAR), Fernando Galhano, Fernando Marques (DRC/IPPAR), M. Filomena Barata (DRE/IPPAR), Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Irene Frazão (DCR/IPPAR), Isabel Melo (DC/IPPAR), João M. Ribeiro, João Marques (DRE/IPPAR), João Santa Rita, Joaquim Sampaio, Jordi P. Werner, Jorge Croft, M. Antónia Amaral (DRC/IPPAR), Manel M. Alaix, Manuel Lacerda (DE/IPPAR), Marcelo Martín, Margarida Lencastre (DRP/IPPAR), Maria M. Ramalho (DE/IPPAR), Miguel Soromenho (DE/IPPAR), N. Bruno Soares, Nuno Simões, Paula Santos, Paulo Pereira (IPPAR), Paulo S. Pinto, Pedro S. Alves, Rafael Alfenim (DRE/IPPAR), Richard Edwards, Rita Gonçalves (DRL, DOCR/IPPAR), Rosa Vouga, Rui Parreira (FS/IPPAR), Sofia Salema (DE/IPPAR), Susana Correia (DRE/IPPAR), Teresa Marques (GIF/IPPAR), Teresa Tavares, Vasco Freitas, Victor Mestre

DESIGN GRÁFICO
Artlândia

REVISÃO
A. Miguel Saraiva

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO
Textype

TIRAGEM: 3000 exemplares

ISSN: 1645-2453

Depósito legal n.º 170 293/01

Estudos/Património
Publicação do IPPAR – Instituto Português
do Património Arquitectónico
Palácio Nacional da Ajuda
1349-021 Lisboa
Tel.: +351-21 361 4336
Fax: +351-21 362 8472
www.ippar.pt
e-mail: ippar@ippar.pt

MIC
MINISTÉRIO DA CULTURA

IPPAR
INSTITUTO
PORTUGUÊS DO
PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO

CADERNO

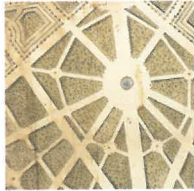
INTERPRETAÇÃO DE MONUMENTOS E SÍTIOS

- 5 Interpretação de monumentos e sítios
Manuel Lacerda
- 6 “Lugares de passagem” e o resgate do tempo
Paulo Pereira
- 17 Mémoire et nouvel usage: du monument au projet
Richard Edwards
- 25 Sobre el necesario vínculo entre el patrimonio y la sociedad
Reflexiones críticas sobre la Interpretación del Patrimonio
Marcelo Martín
- 38 Patrimonio y Territorio: una reflexión sobre los proyectos de
puesta en valor del patrimonio – Manel Miró Alaix y Jordi Padró Werner

ITINERÁRIOS ARQUEOLÓGICOS DO ALENTEJO E ALGARVE

- 43 Estruturas de Acolhimento e Interpretação
Programa Itinerários Arqueológicos do Alentejo e Algarve
Manuel Lacerda e Maria Filomena Barata
- 46 O Sítio Arqueológico de Miróbriga – Maria Filomena Barata
- 49 Centro de Acolhimento e Interpretação de Miróbriga – Paula Santos
- 53 Circuito Arqueológico da Cola
Susana Correia e Rafael Alfenim
- 55 Centro de Acolhimento e Interpretação do Circuito da Cola
Sofia Salema
- 59 Conjunto Arqueológico do Escoural – João António Marques
- 61 Centro de Interpretação da Gruta do Escoural – Carlos Severo
- 65 Centro de Acolhimento da Gruta do Escoural – Nuno Simões
- 68 O Sítio Arqueológico de São Cucufate – Rafael Alfenim
- 70 Centro de Acolhimento e Interpretação de São Cucufate
Nuno Bruno Soares
- 73 Povoado Pré-Histórico de Santa Vitória (Campo Maior)
Ana Carvalho Dias
- 76 Estrutura de observação do Povoado Pré-Histórico
de Santa Vitória (Campo Maior) – Jorge Croft
- 79 *Villa* Romana de Torre de Palma – Ana Carvalho Dias
- 82 Centro de Acolhimento e Interpretação de Torre de Palma
Victor Mestre e Sofia Aleixo
- 86 Ruínas de Milreu – Rui Parreira
- 87 Centro de Acolhimento e Interpretação de Milreu
Ditz Reis e Pedro Serra Alves
- 90 *Villa* Romana de Cerro da Vila
- 91 Núcleo Museológico da *Villa* Romana de Cerro da Vila
Fernando Galhano
- 94 Alcalar: estudo, salvaguarda e valorização de uma paisagem
cultural do III milénio a.C. – Elena Morán e Rui Parreira
- 99 Centro de Acolhimento e Interpretação de Alcalar – João Santa-Rita





SALVAGUARDA

- 103 Falando com franqueza: a salvaguarda do Património e os seus (enormes) problemas
Luís Ferreira Calado, Paulo Pereira e Joaquim Passos Leite
- 108 A Protecção do Património Paisagista – 1.ª parte
Rita Maria Theriaga Gonçalves
- 116 A pessoa, as comunidades e os patrimónios: reflexões em torno da história de uma necessidade – Elvira Rebelo

MEMÓRIA

- 123 Segunda “pedra de traçaria” do Convento de São Francisco de Santarém – Paulo Pereira e Maria de Magalhães Ramalho
- 129 A Necrópole de São Pedro de Marialva. Estudo arqueológico
Maria Antónia de Castro Athayde Amaral
- 139 A Necrópole de São Pedro de Marialva. Dados antropológicos
Eugénia Cunha, Cláudia Umbelino e Teresa Tavares

INTERVENÇÕES

- 145 Igreja de São Pedro de Marialva: intervenção de conservação e restauro 1995-2001, o ressurgir de um novo templo...
Fernando Marques e Maria Antónia Athayde Amaral
- 151 Intervenção na pintura a fresco da Igreja de São Pedro de Marialva
Irene Frazão
- 153 Restauro do retábulo da capela-mor, do tecto e dos retábulos da nave da Igreja de São Pedro de Marialva – Rosa Vouga
- 156 Conservação e restauro das pinturas do tecto da capela-mor da Igreja de São Pedro de Marialva (século XVIII)
Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva
- 159 O Mosteiro de São Salvador de Grijó – Margarida Lencastre
- 161 O Mosteiro e a Igreja de São Salvador de Grijó
Intervenção de consolidação estrutural – Joaquim C. Sampaio
- 166 Rebocos à base de cal em edifícios antigos. Uma experiência no Mosteiro de São Salvador de Grijó
Vasco P. Freitas e Paulo da Silva Pinto
- 173 Projecto para uma Casa de Chá no Castelo de Montemor-o-Velho
João Mendes Ribeiro

ACTUAL

- 181 Sistema de Informação do IPPAR. Acesso ao Património Cultural Digitalizado – Teresa Marques
- 183 Acção-Piloto de Cooperação Portugal-Espanha-Marrocos
Miguel Soromenho
- 185 Projecto de levantamento da Arquitectura Industrial Contemporânea em Portugal (1920-1965) – Manuel Lacerda e Deolinda Folgado
- 186 Inventário do Património Industrial da Covilhã – Deolinda Folgado
- 187 A actividade editorial do IPPAR – Manuel Lacerda
- 189 Implementação da rede de lojas do IPPAR – Isabel Melo
- 190 Candidaturas do IPPAR a Fundos Comunitários
Fernanda Garção

Centro de Acolhimento e Interpretação de Torre de Palma

Victor Mestre
Sofia Aleixo
Arquitectos



1. Monte da Herdade de Torre de Palma e zona de implantação do futuro Centro de Acolhimento
Arquivo IPPAR

Apontamentos de intenções expressas em projecto

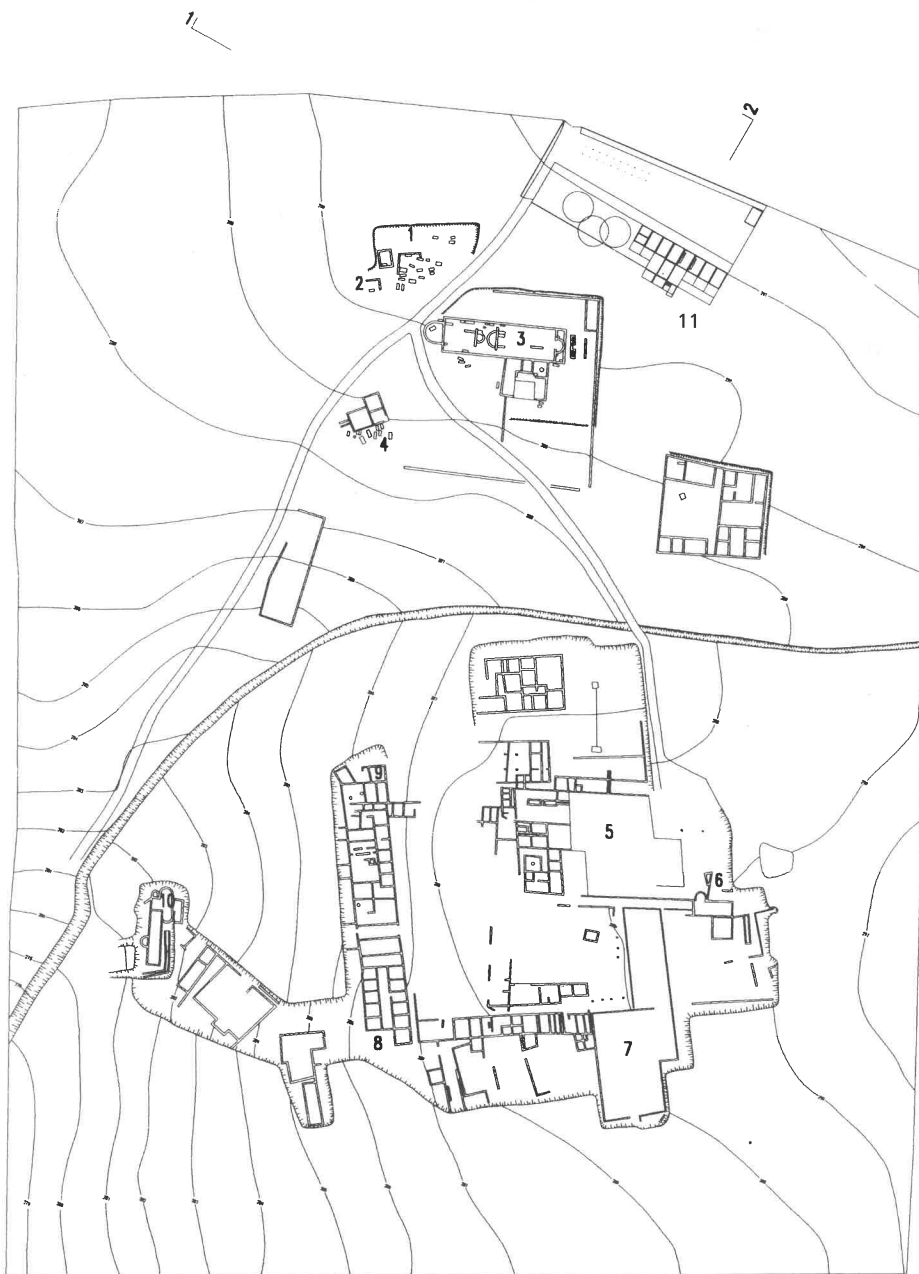
A implantação da “Villa Basillii” terá sido criteriosa, tal como a sua construção, que reproduz as técnicas romanas da arte de bem construir. Esta denota ainda aspectos de grande apuro, nomeadamente nos aspectos hidráulicos. As técnicas de drenagem de encaminhamento das águas para uso nas termas e na vida doméstica revelam um saber tecnológico complexo, perfeitamente dominado. É particularmente notável a forma como se resolvem os problemas das águas excedentárias que envolvem as termas a Sul, onde um conjunto de drenos escoam as águas para um canal de descarga na linha de água.

Aspectos como este são em nosso entender sinais claros da importância que o território tinha para a cultura romana, que apesar da distância do local de origem mantinham os seus critérios civilizacionais inalteráveis. Esta cultura de respeito pelo saber adquirido

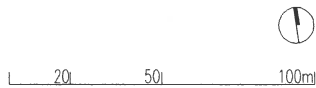
é algo de verdadeiramente extraordinário e será sem dúvida um dos principais pilares que fará perdurar os valores desta civilização através dos tempos.

Ainda sobre a leitura genérica do sítio gostaríamos de sublinhar que entendemos o local como um campo arqueológico dinâmico. Ou seja, a sua importância passará pelos aspectos físicos já revelados por outros e a detectar através de cíclicas escavações, mas também por um processo de “legibilidade do território” enquanto unidade de produção e de fruição, que terá constituído a razão de ser das actuais ruínas.

Neste sentido, gostaríamos de introduzir neste Programa Preliminar e no futuro Projecto de Arquitectura uma ambição maior do que apenas a de musealização das ruínas. Ou se quisermos, o denominado *Centro Interpretativo* poderá ser induzido a interpretar o território, a paisagem, os aspectos da natureza e o espaço cósmico. O usufruto da paisagem próxima e distante permitirá ao visitante adquirir uma leitura de enquadramento do



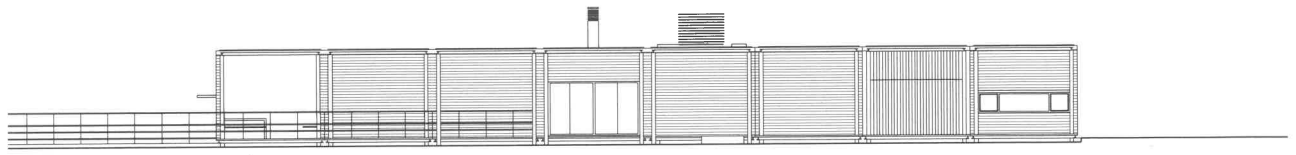
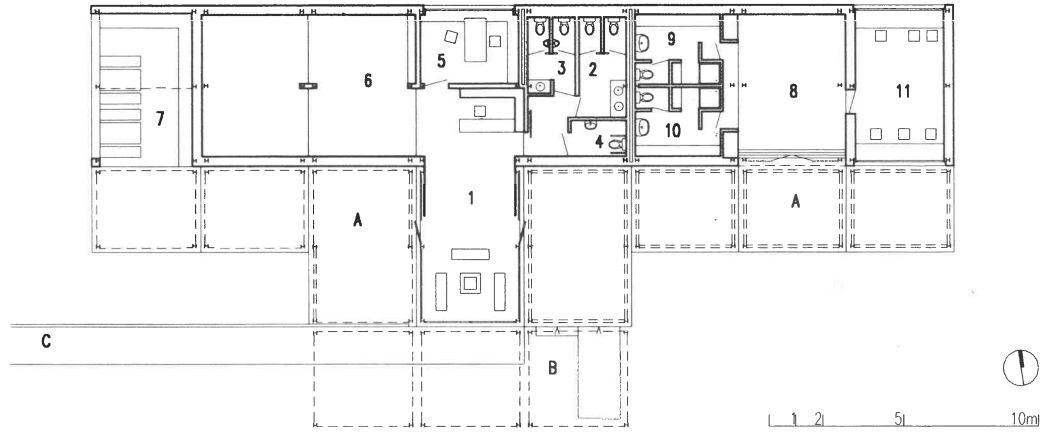
- Plano Geral
1. Necrópole
 2. Cemitério Noroeste
 3. Basílica paleocristã
 4. Cemitério Sudoeste
 5. Casa do *Peristilo*
 6. Termas Este
 7. Cozinha da *Villa*
 8. Casa do pórtico
 9. Lagar de azeite
 10. Termas Oeste
 11. Centro de Acolhimento



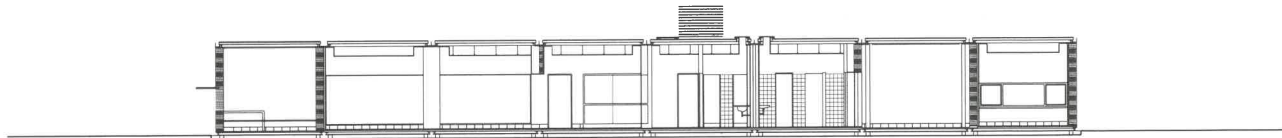
CORTE 2

Planta

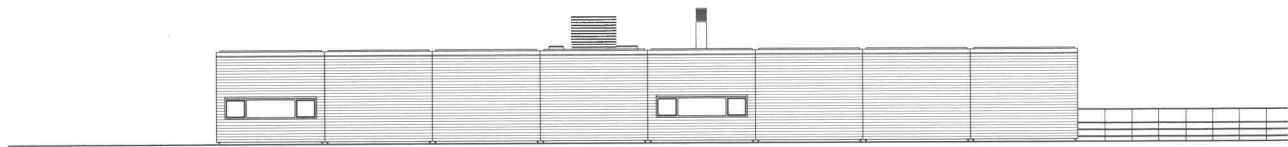
- 1. Átrio/Bilheteira/Loja
- 2. Sanitários femininos
- 3. Sanitários masculinos
- 4. Sanitário (def.)
- 5. Gabinete do gestor
- 6. Museu
- 7. Exterior coberto com grelhagem
- 8. Pátio dos arqueólogos
- 9. I.S./vest. masculinos
- 10. I.S./vest. femininos
- 11. Sala de trabalho
- A. Espaço aberto com vista panorâmica sobre campo arqueológico
- B. Início de percurso de visita às ruínas
- C. Vedação (1.º nível)



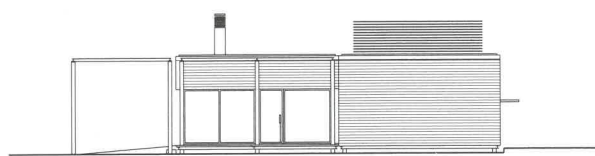
ALÇADO SUL



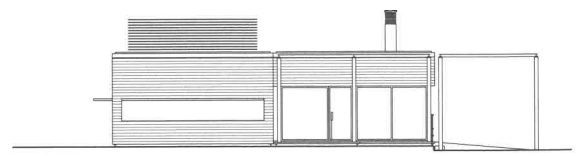
CORTE 1



ALÇADO NORTE



ALÇADO NASCENTE



ALÇADO POENTE

conjunto arqueológico e simultaneamente recriar-se num ambiente de envolvimento de paisagem cultural.

Quanto ao futuro edificado consideramos que deverá formar um conjunto de “paredes e pavimentos cobertos” numa disposição sem aparente atitude de composição, ou seja uma saudável antimonumentalização. Procurar-se-á a “serialidade” de módulos repetitivos, desmaterializados de formalismos e sobrelevados relativamente ao pavimento. A estrutura base permitirá a reversibilidade caso o chão arqueológico venha a exigir a sua deslocação. Considera-se a zona a Nascente do actual portão como a localização mais adequada para os módulos, ficando o estacionamento na área envolvente dissimulado por um ligeiro declive de modo a atenuar o impacto dos veículos.

A disposição de “muros módulos”, a que nos referimos anteriormente como não tendo uma aparente atitude de composição, deverá ser entendida antes como tratando-se naturalmente de uma abstracção. O que se pretende é não criar sobre o território uma intenção proeminente na expressão arquitectónica e na monumentalização do sítio para se evitar que esta venha a competir com a zona das ruínas. Antes se propõe a implantação de um conjunto de módulos abertos e cobertos que formarão um edificado em redor de um espaço exterior aberto onde se poderá usufruir de apontamentos de passagem enquadrada e referencial, como sejam, a Norte, a Herdade de Torre de Palma, a Nascente-Sul, as ruínas e respectiva cobertura, e a Sul-Poente, uma vista sobre a planície.

O conjunto arquitectónico que apresentamos, quer o número de módulos “volumétricos” quer os módulos de pavimento, representa a optimização da sua associação. Neste sentido, teremos como módulos fixos indispensáveis aqueles que contemplam o solicitado em Programa Preliminar: dois módulos contendo a zona museológica, dois módulos administrativos contendo a recepção e o Gabinete do Administrador, dois módulos de sanitários, e finalmente o módulo de apoio ao trabalho científico dos arqueólogos. Ou seja, um total de sete. Os restantes módulos, totalmente ou parcialmente cobertos com os respectivos estrados, bem como os módulos só de ensombramento, permitirão a fruição e a circulação exterior ao núcleo museológico, complementando-o.

Num meio tão agressivo quanto o que se verifica em Torre de Palma, onde a amplitude térmica torna as condições atmosféricas difíceis de suportar, é aconselhável criar zonas de recolhimento. Estas poderão ser associadas à contemplação, leitura e pequenas pausas para uma refeição improvisada. Neste sentido se propõe um módulo logo à entrada onde o visitante desfrutará de bancos e mesas devidamente abrigados. A paisagem que daí se poderá contemplar terá em primeiro plano o Campo Arqueológico e sobre este a paisagem de perder de vista. Também um sistema de palas em aço e madeira a Sul do átrio irá garantir o ensombramento desejável de modo a permitir um tempo de espera resguardado para grupos numerosos de visitantes.

Dos materiais de revestimento retemos o uso, em quase exclusividade, da tijoleira manufacturada que pelo seu carácter artesanal terá uma presença homogénea e simultaneamente irregular na textura e na tonalidade. A sua escolha deve-se ao uso sistemático deste material pelos Romanos.

Tão-somente se procura uma ideia de “não intervenção”, ou melhor, intervir pela ausência de “marcos simbólicos”, pretendendo-se qualificar o lugar das ruínas por aquilo que elas são capazes de expressar, pela força do seu relacionamento com o território, e deste para com elas, e ainda construindo na paisagem uma estrutura abstractizante que se quer integrada nos materiais e no contexto geográfico.

Ficha técnica

COORDENAÇÃO DA INTERVENÇÃO

DRE/DE

ARQUEÓLOGA RESPONSÁVEL (IPPAR)

Ana Carvalho Dias

ARQUITECTURA

Victor Mestre/Sofia Aleixo, Arquitectos, Lda.

Colaboração

Nuno Gaspar e António Eguerev Silva

FUNDAÇÕES E ESTRUTURAS

A2PConsult Lda. – João Appleton/Pedro Ribeiro

INST. CLIMATIZAÇÃO, ÁGUAS, ESGOTOS

Termifrio, Lda. – Serafin Granã

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS, COMUNICAÇÕES, SEGURANÇA

Quanti Lda. – Fernando Gravito/Luís Alegre

PAISAGISMO

Proap Lda. – João Nunes/Carlos Ribas

CONSTRUÇÃO

Edicon, Lda.

